Capítulo XIX — O paganismo e a religião

> **Sumário.** Influência do paganismo clássico sobre a religião.

Quando o inimigo quer apoderar-se de uma praça forte, começa por tomar uma posição favorável e por destruir as obras avançadas que protegem o coração da fortaleza. Tal é a tática seguida pelo paganismo, desejoso de tomar o desforço sobre o cristianismo. Estabelecido no terreno mais favorável, a educação, vimo-lo bater em brecha a literatura, as artes, a filosofia, as ciências; depois, a pretexto de regeneração, animá-las do seu espírito, alistá-las sob as suas bandeiras e marchar com elas contra o próprio cristianismo, que é o coração da praça e o verdadeiro alvo de todos os seus ataques. Constatar sobre esse ponto os progressos do inimigo e mostrar aos mais cegos que o paganismo clássico tende à ruína inteira do cristianismo, tal é o grave assunto que vai ocupar-nos. Ora, o paganismo clássico arruína o cristianismo porque o condena ao esquecimento, ao desprezo, à alteração.

O esquecimento. Tomemos as coisas como são.

Saído de uma família onde, em geral, só recebe hoje uma instrução cristã muito superficial, a criança chega a um estabelecimento de instrução pública: ali ficará sete ou oito anos. Se não é o primeiro, ao menos o segundo livro latino ou grego que se lhe põe nas mãos é um livro pagão; o terceiro é um livro pagão; o quarto é um livro pagão; sempre livros pagãos, até o fim dos seus estudos.

A sua ocupação de todos os dias, de todas as horas é lê-los, traduzi-los, aprendê-los de memória, e aprender ao mesmo tempo todos os fatos do paganismo, desde as ações dos deuses até as dos guerreiros, dos oradores, dos filósofos de Roma e de Atenas. Nas aulas, só ouve ressoar os nomes dos romanos e dos cartagineses. Para identificá-lo mais completamente com os seus modelos, divide-se a classe em dois campos, e ele é romano ou cartaginês, Cipião ou Aníbal. As explicações do professor jamais ou quase jamais lhe fornecem noções cristãs. Vive em meio ao paganismo, o seu horizonte só por circunstância se estende além dos limites da Grécia e da Itália. O Monte Sagrado, o Palatino, Esparta, Tebas, Maratona, as Termópilas, a tribuna das arengas, o Capitólio, o Areópago, o Fórum são os únicos lugares que habitam o seu pensamento, a sua imaginação, a sua memória.

Mas, nos colégios como nos seminários menores, nas casas dirigidas por seculares como nas casas dirigidas por religiosos e eclesiásticos, não há capelães e mestres que ensinam a religião?

Eu o sei, a religião figura, como qualquer outra ciência, nos programas de estudo. Sei que cada colégio tem um capelão encarregado de dizer a missa e de fazer o catecismo; sei que esse capelão diz a missa duas vezes por semana e que outras tantas vezes, talvez mais, faz um catecismo mais ou menos arrazoado, mais ou menos filosófico. Com esse aparato que se faz soar bem alto, a religião é ensinada, é salva da indiferença e do esquecimento? De modo algum. Antes de dar a razão, apresso-me a dizer que não é culpa dos homens, mas vício do sistema.

Saturado de deísmo, para não dizer mais, o sistema atual de ensino só vê na religião uma ciência à parte, circunscrita numa esfera determinada; e não, como deve ser, e como nunca será com clássicos pagãos, uma ciência universal, a ciência das ciências que, reencontrando-se cada dia, a cada hora, em todos os livros que a criança estuda, deve dali sair naturalmente, como o aroma se exala da flor. Com efeito, não é de um livro só, mas de todos os livros; não da boca de um só mestre, mas de todos os mestres que a religião deve sair, ora para contar um dos fatos da sua história, uma virtude dos seus grandes homens, uma máxima do Evangelho; ora para formar o coração da criança, corrigir um erro da sua jovem inteligência, desenvolver o germe nascente de uma nobre disposição; ora para revelar-lhe a causa oculta de uma revolução ou de um acontecimento importante; e sempre para mostrar-lhe que é a fonte única do belo, do bom, do verdadeiro, a alma, o olho, a regra, o perfume de todas as ciências que vivifica, que enobrece, que coordena, que explica e que conduz ao fim último de todas as coisas: a glória de Deus e a salvação do homem.

Eis o que deve ser, e eis o que não é. Pode-se, desde então, desconhecer o vício radical que condena, e condenará sempre, a religião ao esquecimento no nosso sistema pagão de educação? O catecismo do capelão nada mudará. As suas instruções serão lições que se escutarão como outras lições, talvez com um pouco menos de atenção e um pouco mais de repugnância. Aos olhos da criança, a religião continuará a ser uma ciência abstrata, isolada dos seus outros estudos, e que se é livre de aprender ou esquecer, sem outra consequência senão o mérito de ser mais instruído ou o demérito de sê-lo menos. Isso quer dizer que conhecerá a religião mais ou menos como o inglês ou o alemão, de que se lhe dão cada semana uma ou duas lições, sem estar, ao cabo de cinco anos de estudo, em condições de ler uma obra, e menos ainda de sustentar uma conversação em inglês ou em alemão. A prova palpável do que afirmo é que as gerações universitárias e as classes da sociedade que elas alimentam conhecem muito menos a religião, e raciocinam muito pior sobre ela, do que as mulheres e as classes populares.

Em todo caso, jamais o ensino religioso de algumas horas por semana, em concorrência com um ensino pagão de cada dia e de cada hora do dia, será capaz de formar gerações solidamente religiosas. Que são algumas gotas de vinho puro, exclama o padre Possevino, para adoçar um tonel de vinagre?[1] Além da experiência da Europa há três séculos, apelo, sobre o valor de tal ensino, para o juízo de um homem cuja opinião não é suspeita.

> *Não nos enganemos, diz o Sr. Kératry, não é a presença nas escolas, em dia fixo, de um eclesiástico, por respeitável que se o suponha, que inculcará nas crianças um espírito religioso de alguma duração. Este só se adquire pela*

> *continuidade de um ensino em que a lei divina se ache como que infusa. Os estudos, ainda que puramente literários, devem ressentir-se dela. Que seria se o dogma viesse a tornar-se objeto de dúvida? É preciso à juventude verdades incontestadas em matéria de religião; para ela, toda fé controvertida é logo uma fé morta.*

Essas observações sobre o ensino da religião nos estabelecimentos seculares aplicam-se, digo-o com pesar, com algumas restrições contudo, às casas dirigidas por religiosos ou eclesiásticos e nas quais reina o paganismo clássico. Aqui ainda, a religião não sai naturalmente, diretamente, como o perfume da flor, nem dos livros, nem dos deveres, nem dos estudos habituais da criança, nem das explicações do professor. Fazê-la jorrar algumas vezes, indiretamente, penosamente e, por assim dizer, por via de contraste e antítese: eis tudo o que pode um mestre piedoso e hábil. Daí resulta esta inversão fatal: o paganismo compõe o banquete de que o cristianismo é apenas a sobremesa. Daí resulta ainda um conhecimento mais ou menos avançado do paganismo e uma ignorância muito maior do que se crê do cristianismo.

Embora rendendo plena justiça ao zelo e à virtude dos nossos mestres, não podemos deixar de protestar aqui com energia contra o sistema de ensino pagão que formou a nossa infância e de deplorar a ignorância em matéria de religião que dele foi a consequência obrigada. Ao sair do colégio, sabíamos de cor os nomes, a história, os atributos, as aventuras dos deuses e deusas da fábula; conhecíamos as Danaides e as Parcas, Ixíon e a sua roda, Tântalo e o seu suplício, os gansos do Capitólio e os frangos de Cláudio. Sem hesitar, poderíamos ter feito a biografia de Minos, de Éaco e de Radamanto, de Codro e de Tarquínio, de Epaminondas, de Cipião e de Aníbal, de Cícero e de Demóstenes, sem contar a de Alexandre e de César, de Ovídio, de Salústio, de Virgílio e de Homero. Licurgo, Sócrates, Platão, os Flâmines, os Jogos do Circo e do anfiteatro, os sacrifícios, as festas, os comícios do povo-rei, eram-nos conhecidos. Numa palavra, possuíamos todo o saber desejável em honestos jovens de Roma e de Atenas, rebentos dos Brutos ou dos Gracos, candidatos às glórias do fórum, adoradores ou sacerdotes futuros de Júpiter e de Saturno.

Mas, se por desgraça nos tivessem transportado ao terreno do cristianismo e nos tivessem pedido que disséssemos o nome dos doze apóstolos, o número das suas epístolas; se nos tivessem interrogado sobre os nossos santos e os nossos mártires, sobre os nossos heróis e as nossas glórias, os Crisóstomos, os Agostinhos, os Atanásios, os Ambrósios, os reis da eloquência e da filosofia cristã, os pais do mundo moderno, os nossos mestres na ciência da vida; se nos tivessem perguntado a nós, seus filhos, os filhos da Igreja e dos mártires, qual foi a época do seu nascimento, que combates tiveram de sustentar, que obras compuseram, que ações lhes mereceram a admiração dos séculos e o culto do universo, ter-nos-iam falado uma língua desconhecida. O rubor da nossa fronte e a humilhante imobilidade dos nossos lábios, excitando a piedade do homem sensato, teriam posto a nu o contrassenso monstruoso dos nossos estudos clássicos. Tal é a nossa história, e talvez a de muitos outros.

Dir-se-á que essa ignorância deplorável em matéria de religião será dissipada mais tarde? Realmente! Quantos jovens, quantos homens de idade madura, nas diferentes condições da vida, conheceis que, depois da saída do colégio, tenham consagrado seriamente vinte e quatro horas ao

estudo da religião? Quantos, ao contrário, não se poderiam citar que, longe de desenvolver os seus conhecimentos religiosos, perderam, perderam havia muito, as noções mais elementares do Catecismo! O paganismo clássico condena, pois, fatalmente a imensa maioria dos homens instruídos a uma ignorância eterna em matéria de religião.

Notas

[1] *Quanto vi pare che quadri che in una botte sincera s'infonda un bicchier di vino dolce, puro, defecato, cioè un poco di catechismo la settimana, e ad un tempo vi si versino dentro i barili interi d'aceto, di liquore di muffa ed ogni altra sorte di vino putrido? cioè ogni giorno i Terenzj e l'altre impietà! Tale è oggi il costume del mondo.* [Quanto vos parece que convém que, numa pipa de vinho genuíno, se despeje um copo de vinho doce, puro, clarificado, isto é, um pouco de catecismo por semana, e ao mesmo tempo se lhe lancem dentro barris inteiros de vinagre, de licor de mofo e de qualquer outra sorte de vinho podre? isto é, todos os dias os Terêncios e as outras impiedades! Tal é hoje o costume do mundo.] *Ragion.*, p. 2.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:40 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:40 by Admin